



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

## TRAJETOS DE VIDA: REFLEXÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO E CUIDADO DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

Daniele dos Santos Silva<sup>1</sup>  
Leila Maria Passos de Souza Bezerra<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho discorre sobre os percursos de vida de mulheres negras idosas, com ênfase no cuidado experienciado por tais sujeitas na velhice. Tendo como objetivo fazer uma análise crítica, de caráter interseccional, no que se refere as questões de envelhecimento e velhice. O artigo em questão configura-se em recorte de pesquisa de dissertação de mestrado em curso. A metodologia adotada concerne em: pesquisas bibliográfica, documental e de campo; abordagem qualitativa, observação participante, entrevista de campo em profundidade e análise do discurso crítica. Cabe ressaltar, que o estudo aqui desenvolvido pretendeu focar, especificamente, no diálogo bibliográfico, com destaque às reflexões teóricas acerca das categorias analíticas ora adotadas. Neste sentido, busca-se compreender de que maneira mulheres negras idosas têm experienciado e significado o cuidado, no estágio atual de suas vidas, a considerar: memórias, desafios e vivências próprias do grupo estudado, haja vista que o povo negro possui um fator histórico-social marcado por violências e opressões do período colonial, que comprometeram sua existência e produzem efeitos até os dias de hoje. Por fim, a pesquisa abraça o compromisso em enunciar e textualizar os relatos de vida, a evidenciar os movimento e contribuições gerado por mulheres negras nas estruturas sociais que as cercam, e ainda, busca promover um diálogo aberto e coletivo sobre as políticas públicas do cuidado.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras; Envelhecimento; Cuidado; Políticas Públicas; Narrativas de Vida.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo configura-se em recorte de pesquisa de dissertação em andamento, com o objetivo de analisar as experiências e narrativas sobre o cuidado e o autocuidado vivenciados por um grupo de mulheres negras “idosas” de sessenta a setenta anos, residentes em Maracanaú, município da região metropolitana de Fortaleza. Logo, buscamos partir dos processos de envelhecimento percebidos e narrados pelas interlocutoras, a enfatizar as suas percepções sobre velhice e cuidado (delas mesmas, da família e do Estado). Cabe ressaltar, que o estudo aqui desenvolvido pretendeu focar, especificamente, no diálogo bibliográfico, dando destaque às reflexões teóricas das categorias analíticas do presente estudo.

Neste percurso investigativo, importa salientar o envelhecimento populacional enquanto fenômeno universal, que se encontra em crescente evolução (Hirata, 2021). No caso do Brasil,

---

<sup>1</sup> Daniele dos Santos Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Estadual do Ceará, [danysylva2010@hotmail.com](mailto:danysylva2010@hotmail.com)

<sup>2</sup> Leila Maria Passos de Souza Bezerra, doutora em Sociologia, docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Estadual do Ceará, [leila.passos@uece.br](mailto:leila.passos@uece.br)



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

segundo os dados do censo de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas idosas com 60 anos ou mais de idade chegou a 32.113.490 (15,6%), a contabilizar um aumento de 56,0% comparado a 2010, quando era de 20.590.597 (10,8%). Os dados indicam como o número de pessoas idosas tem crescido em nossa sociedade. Esse crescimento, tem despertado o interesse por parte de vários setores, que tem se preocupado com o que fazer diante deste fenômeno, uma vez que envelhecer é passar por uma sucessão de acontecimentos a impactarem a vida da pessoa envelhecida, tais como: enfrentamento ao preconceito de ser uma pessoa idosa, diante de uma sociedade que nega o envelhecimento, desqualifica a velhice e valoriza a juventude; mudanças biológicas, físicas e ou psíquicas, que alteram sua fisionomia, modos de ser e agir; os sentimentos de solidão; a fragilização da saúde; aspectos econômicos e a própria dependência. Desse modo, é possível visualizar como o processo de envelhecimento concentram questões e demandas próprias deste ciclo da vida, a ser atendidas nas relações cotidianas. Por esta razão, é notório que o segmento idoso irar requerer maiores precauções que contribuam para a sua qualidade de vida. Portanto, na medida que o número de idosos cresce, as preocupações em torno dos efeitos deste fenômeno aumentam, somadas às reflexões sobre as demandas que este processo implica nas estruturas sociais e na garantia dos direitos à pessoa idosa (Debert, 2014).

É a partir dessas preocupações que o cuidado se apresenta como o foco analítico central desta pesquisa sociológica. O cuidado é percebido como a prestação de serviços recebidos (Esquivel, 2011) ou até mesmo realizados pelo grupo em questão. À medida que o grupo cresce, demandará um número maior de serviços sobre si, estejam eles na esfera pública ou privada. A preocupação é somada ao motivo, a saber: à proporção que o envelhecimento populacional se torna uma realidade universal, este desafio precisa ser uma urgência de Estado nos países, uma vez que o fenômeno demanda preparação e políticas significativas que lidem com os novos desafios advindo do processo. Assim, consideramos importante compreender e interpretar o cuidado sob o ponto de vista do grupo em questão – mulheres idosas residentes nas margens urbanas de Maracanaú/CE – a enfocar seus modos de experienciar, receber e significar as práticas de cuidado em suas vidas.

Compartilhamos da ideia de que o segmento idoso não pode ser concebido de forma homogênea, mas sim, composta por diversos sujeitos em suas pluralidades de existências, vindo dos mais diversos grupos sociais, com realidades e identidades próprias. Levamos em conta o tempo de vida vivido por cada uma(u) e observamos seus processos enquanto sujeitos, posicionados em um dado espaço social marcado por dimensões históricas, sociais, políticas e



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

culturais (Featherstone, 1998) a agirem sobre suas vidas. Neste sentido, este estudo se trata de uma pesquisa interseccional, na qual os marcadores sociais da diferença – de gênero, raça, classe e geração – se imbricam e condicionam a vida dos/as sujeitos/as sociais. Portanto, os processos de envelhecimento poderão descrever e enunciar os trajetos de vida percorridos pelo grupo social em tela – mulheres negras e idosas – e como estas vivenciam o cuidado na velhice.

Ao adotar a perspectiva de múltiplas velhices, partiremos da velhice de mulheres negras, a compreender suas particularidades e realidades próprias, a evitar pensa-las de forma homogênea e universal. Imprescindível pôr em pauta estas realidades, a trazer para o debate público os modos como os marcadores sociais da diferença agem sobre a vida de cada uma(u). Não é novidade que mulheres negras possuem um passado histórico e social a reverberar até os dias de hoje (Carneiro, 2014). São mulheres que fazem parte de um grupo que sofreu com a colonização e a escravização de seus corpos, desumanizados e objetificados, por 388 anos, via práticas de opressão e violências (Gonzalez, 2020). E mesmo após a “abolição inacabada” continuaram a sofrer com o racismo estrutural e o preconceito de cor, enraizados nas bases da sociedade brasileira.

Não é por acaso que pesquisas e estudos sobre a temática apontam para uma sociedade marcada pela extrema desigualdade sócio racial, na qual brancos e negros possuem posições sociais distintas e hierarquizadas, marcadas pelo racismo reproduzido em nossas práticas sociais (Gonzalez, 2020). Tais desigualdades implicam em efeitos nas existências daqueles/as que sofrem com estes processos. O envelhecimento de mulheres negras em condição de desigualdades socio raciais é marcado por um agravamento das questões que já são uma realidade das pessoas nesta fase do ciclo da vida. Seja pela solidão, baixa renda, saúde debilitada, trabalho, acesso precário e/ou inexistente às políticas públicas sociais que contribuam para as melhores condições de vida, o racismo estrutural transpassa por todos os aspectos da vida, a influenciar na velhice da população negra (Rabelo, et al, 2018). Assim, pensar o cuidado experienciado e significado por um grupo de mulheres negras implica em refletir acerca das formas em que estas mulheres são afetadas por pertencerem a um grupo social racializado subalternamente, marcados por processos sócio-históricos que prejudicaram sua qualidade de vida. Ressaltamos, aqui, mais uma vez, a importância de situar os sujeitos sociais da presente pesquisa, a considerar seus fatores históricos, sociais, econômicos, culturais e políticos.



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

## METODOLOGIA

Para fins do estudo ora explicitado, projetamos desenvolver nossa pesquisa com mulheres negras e idosas integrantes do grupo “Os bombeiros”, do núcleo do bairro Piratininga, situado na cidade de Maracanaú. Este grupo reúne-se para a prática de exercícios físicos na quadra da escola de Ensino Fundamental Rui Barbosa. Importa situar que o projeto nasceu em 2003, de forma voluntária, desenvolvida pelo Corpo de Bombeiros Militar do Ceará- CBMCE, com o objetivo de ensinar e incentivar a prática de exercícios físicos, bem como desenvolver campanhas socioeducativas. Este projeto social atende, em especial, ao público dito idoso. No entanto, no ano de 2019, o então governador do Ceará, Camilo Santana, por meio da Lei 16.849 de 06/03/2019, sancionou o projeto e o tornou uma política de Estado. O grupo se apresentou como lócus preliminar de observação e de acesso as interlocutoras desta investigação sociológica. A pesquisa é composta por mulheres, a considerarmos a auto identificação racial enquanto mulher negra, com idades de sessenta a setenta anos, preferencialmente residentes em Maracanaú-CE.

Em consonância com o objeto de estudo, optou-se pela abordagem qualitativa, ou seja, consiste em uma análise detalhada e profunda sobre micro processos, dando uma atenção diferenciada para os dados, bem como a coleta e análise, neste tipo de pesquisa, se preza pela particularidade de cada caso e ou realidade. Segundo enuncia (Martins, 2004, p. 289): “A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo de dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”. Realizaremos as pesquisas bibliográfica, documental e de campo.

A pesquisa bibliográfica tem como objetivo reunir e revisar as informações, dados e conhecimento sobre a temática, fundamentais em todo o processo investigativo e, em especial, para a construção do presente artigo. Momento significativo para fins de aprofundamento sobre o tema, com foco nos conceitos e categorias analíticas desta pesquisa. Já a pesquisa documental, consistiu no levantamento e análise de dados secundários e não necessariamente submetidos à ao crivo científico, a saber: relatórios, documentos oficiais, normatizações, estatísticas, tabelas e dados colhidos em pesquisas desenvolvidas por instituições, a exemplo do IBGE. São documentos que, juntos, formam o corpo da pesquisa, tornando mais rico o estudo em tela. Ressaltamos que, na fase atual da pesquisa em foco, em sua fase exploratória, adotamos a observação participante, com registro em diário de campo, com dados e informações também significativas à construção do presente artigo.



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Já a técnica escolhida para o desenvolvimento do trabalho de campo propriamente dito, em complementaridade à observação participante, optamos pela História Oral, baseada na coleta de dados a partir das narrativas de vida das interlocutoras, a desempenhar uma fonte de informações valiosas, a contemplar diversos aspectos da vida. Nos termos de (Queiroz, 1987):

“História oral” é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a partir de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadoras de histórias, poetas, cantadores inventam num momento dado. Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja a história real, seja ela mítica. (Queiroz, 1987, p. 18)

A escolha do supracitado método foi em função de suas afinidades com o tema e o objeto de estudo, de maneira a enfatizar os relatos de vida de mulheres negras “idosas”, e ainda, por reconhecer que são nos eventos cotidianos, em especial naqueles tidos como “ordinários”, que a vida se expressa. Ou seja, em um relato, podemos identificar fragmentos que representam os fenômenos da vida social. Os relatos orais também são entendidos enquanto testemunhos daquelas(e) que vivem nas margens urbanas, sobre práticas de invenção e reinvenção da vida cotidiana. No mais, temos como objetivo desenvolver entrevistas em profundidade, a seguir um roteiro temático que contemple os objetivos da nossa pesquisa. Os diálogos serão registrados por intermédio de um gravador de aparelho celular (Motorola - G 20) e arquivadas em um notebook, uma vez que depois farei a transcrição integral das falas. Após a transcrição, será feita a leitura atenta do documento, voltando em suas gravações e conferindo cuidadosamente a construção do material coletado, é importante, que ao fim de sua transcrição, retorne a interlocutora, com o intuito que esta faça parte da revisão deste material. Sobre a análise do texto, diz: “E análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentado em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca.” (Queiroz, 1987, p. 19). Este processo, dá início a análise dos dados, organização e compilação dos mesmos, é na análise que temas e categorias da pesquisa são materializados, explicitando o que foi descoberto, cabendo a interpretação, que mais adiante resultará nos resultados e discussões obtidas por eles. Por fim, cabe ressaltar, que por tratar-se de uma pesquisa em andamento, o



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

estudo aqui desenvolvido pretendeu focar especificamente no diálogo bibliográfico, dando destaque as reflexões teóricas das categorias analíticas do presente estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### *Reflexões em torno do envelhecimento e cuidado de mulheres negras idosas*

No tocante às mulheres negras, historicamente têm feito parte do conjunto de indivíduos que passaram pelo processo de escravização e colonização. No Brasil, a escravização de pessoas negras perdurou por mais de 300 anos, onde a desumanização e objetificação de corpos negros resultou em inúmeras violências psíquicas e físicas/sexuais, o genocídio somado ao epistemicídio em termos culturais/saberes. A perspectiva do colonialismo eurocêntrico, representada na figura do homem branco-europeu/cristão/heterossexual operou uma instituição violenta e opressora nas suas colônias. Para além do quesito raça-cor, a existência das mulheres negras será sobrecarregada na relação sexo/gênero, em específico pelas desigualdades (re)produzidas entre os gêneros ainda centrados no binarismo “masculino” *versus* “feminino”, a aprofundar as violências vivenciadas por estas sujeitas nas esferas pública e privada. Nestes moldes ocidentais reproduzidos nas colônias, a construção social da “mulher”/feminino é perpassada pela condição de inferiorização e projetada enquanto o outro do “homem”/masculino. Essa configuração é expressa pelo pensamento de intelectuais negras, que se propuseram a refletir sobre a condição de “ser uma mulher negra” na sociedade brasileira. Conforme (Carneiro, 2014, p. 01): “No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional [...]”. Neste sentido, nos alinhamos à ideia de que a categoria idosa é formada por diversos grupos sociais, não devendo ser definida como uma categoria única, que compartilha da mesma realidade (Alcântara, 2009). O recurso à ferramenta teórica e política da interseccionalidade corresponde aos objetivos traçados nesta pesquisa: compreender e interpretar as práticas de cuidado experienciadas e significadas na velhice, sob o ponto de vista de mulheres negras.

Logo, os percursos percorridos por mulheres negras na sociedade brasileira são perpassados por desafios, mesmo após o processo de abolição (inacaba), em 1888, mulheres negras continuaram a sofrer com o preconceito de cor/raça e o racismo estrutural, estabelecidos em nossa sociedade. As práticas sociais racistas, baseadas em uma ideologia de raça superior, no caso a branca, e raças inferiores, as não brancas, continuaram a operar as mesmas bases que sustentaram o processo de colonização do país, posto que não reinventaram valores e estruturas



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

capazes de reconhecer as humanidades/existências, direitos, culturas e identidades daqueles que mais haviam sido marginalizados na colonização. O dia seguinte, após a dita abolição da escravatura, deu continuidade a uma lógica racista e de colonialidade, que pretendia continuar anulando a existência de corpos negros. Corroboramos, assim, com o enunciado de González ao afirmar:

A raça, como atributo social historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente com um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social. (Gonzalez, 1982, p. 89 - 90)

Em torno dos acontecimentos históricos e desdobramentos sociais da população negra, é evidente como o racismo prejudicou o processo de formação, integração e reconhecimento da população negra e de seus direitos na vida social brasileira. Diante deste fato, podemos destacar dois pontos. Primeiro, destinou-se, à população negra, os espaços e serviços mais precarizados e marginalizados. Segundo, com relação aos direitos ocorreu de modo ou, em muitas situações, além da precarização do acesso identificamos ainda a sua negação, a exemplo dos direitos à saúde, à educação, à moradia, à segurança alimentar e nutricional, bem como à própria vida, a considerar serem os corpos negros os alvos preferenciais das ações violentas do Estado em sua face penal-punitiva. Conseqüentemente, não podemos negar que as trajetórias sociais experienciadas por estes indivíduos possuem implicações em suas condições de vida, conforme nos alerta Rabelo:

A experiência do racismo tem efeito negativo na qualidade de vida e não se resume a respostas provenientes de interações entre indivíduos, mas está profundamente condicionada por fatores estruturais. Devido a práticas discriminatórias com base na raça, os idosos negros têm questões únicas que precisam ser enfrentadas na velhice. (Rabelo, Et al, 2018, p. 195)

Assim, envelhecer, diante de um sistema que precarizou os ciclos da vida, não é fácil, a população negra continua a apresentar os maiores índices de baixa escolaridade, desemprego, encarceramento, e são, em sua maioria, a população residente em territórios estigmatizados das margens urbanas (Bezerra, 2015). Neste sentido, suas vidas, desde a infância, são atravessadas por rupturas, que ecoam em suas existências, nem todas(os), podem dizer e realizar a famosa expressão: “eu quero envelhecer bem!” essa, nos levanta o questionamento: quem são aqueles que envelhecem bem? Ou indo mais adiante: quem pode envelhecer? Ao nos voltarmos, para os processos de envelhecimento, daqueles que vivem em espaços marcado pela violência



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

ou pobreza, as realidades e preocupações serão outra: a sobrevivência momentânea. Para Rabelo:

O racismo, com suas múltiplas determinações, impacta diretamente no processo de envelhecimento da população negra, sendo imprescindível ater-se aos elementos que resultam deste. Para entender como envelhecem, é fundamental conhecer seus indicadores socioeconômicos e de saúde ao longo da vida. E quando se tornam velhos, quais vulnerabilidades e fatores de proteção moldam a experiência do envelhecimento negro? (Rabelo, Et al, 2018, p. 197).

Dessa forma, apesar de estarmos vivenciando o fenômeno do envelhecimento populacional, se é preciso refletir sobre quem são, estes que envelhecem. Uma vez que, também será comum ouvir: “envelhecer hoje em dia, é uma graça”, essa expressão, assim como a textualizada acima, na maioria das vezes, é carregada de sentido. Como se envelhece, ou envelhece bem, quando: a alimentação falta no prato? Quando a saúde é precarizada? Ou ainda, quando o viver, mantém relação próxima com o morrer: “As estatísticas que são apresentadas sobre o índice de violência em relação à população negra influem pontualmente no pensar enquanto processo de envelhecimento dessa parcela populacional” (Rabelo, Et al, 2018, p. 205). Aqueles que envelhecem por meio destes processos, possuem uma velhice mais fragilizada do que o esperado, chegam mais cansados, doentes, ou até mesmo, mais sozinhos. Não dá para esperar, que alguém que passou ciclos de sua vida, com baixa qualidade de vida tenha uma velhice serena, aquela (e) que trabalhou desde a infância e porventura ainda trabalha, é propenso a ter uma velhice mais comprometida.

Por fim, ao refletir sobre essa realidade, colocamos em foco, a forma que mulheres negras vivem os ciclos de sua vida, até sua chegada ao presente. Falar dos fenômenos vivenciados por estas sujeitas, é colocar em xeque a realidade do povo negro no Brasil. Um país, que é profundamente marcado pelo período escravocrata e um sistema político que propaga múltiplos e imbricados eixos de opressões perpetradas sobre este grupo social.

### ***Reflexões em torno do “trabalho de cuidado”***

A princípio, é necessário destacar que os estudos acerca do conceito de cuidado são considerados novos, no qual se encontra em processo de conceitualização, ou seja, não resulta em uma definição absoluta, essas questões se aplicam em especial nos estudos desenvolvidos na América Latina, no campo das ciências humana (Batthyány, 2020), podendo se diferenciar, e ganhar múltiplos sentidos, esta realidade pode ser percebida por nós mesmos, em nosso cotidiano. No entanto, nos apoiaremos na definição, segundo Hirata:





# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Um trabalho material, técnico e emocional moldado por relações sociais de sexo, de classe de “raça”/etnia, entre diferentes protagonistas: os(as) provedores(as) e os(as) beneficiários(as) do cuidado, assim como todos aqueles e aquelas que dirigem, supervisionando ou prescrevem o trabalho. O cuidado não é apenas uma atitude atenciosa, ele abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em trazer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Pode também ser definido como uma relação de serviço, de apoio, de assistência remunerado ou não, que implica um senso de responsabilidade pela vida e pelo bem-estar do outro. (Hirata, 2021, p. 30)

Nesta concepção, o cuidado é percebido como uma relação de trabalho, que ultrapassa o âmbito emocional, logo, seu interior é complexo, resultado de uma teia de fenômenos interligados. A divisão sexual do trabalho, é um dos fenômenos que estabelece relação com o cuidado, na medida em que, proporcionou a distribuição desigual entre homens e mulheres, atribuindo habilidades diferentes, a ambos os sexos, logo, o cuidado foi e é atribuído naturalmente as mulheres (Batthyány, 2020). O trabalho doméstico, é uma das atividades atribuídas exclusivamente ao corpo feminino, assim, lavar roupa, cozinhar, cuidar dos filhos, do marido, limpar a casa, a própria educação dos filhos, seguiram sendo construídas como “coisa de mulher”.

A divisão sexual do trabalho, vai expressar uma das violências de opressão do patriarcado. O olhar masculino sobre mulheres, busca retratá-las como seres de servidão, que nascem e vivem em prol deste princípio. Desta forma compreende-se que esta construção parte de um imaginário social machista e sexista, onde a figura feminina só é “necessária” para o cuidar, educar e os demais serviços que são denominados femininos, por exigirem uma suposta ternura e sentimentos gratuitos e involuntários, que também seriam fruto de uma “essência feminina e que, somente a elas, seriam atribuídos, essa construção continua a perpetuar sobre o imaginário social, justificando a imposição do papel de cuidar sobre a figura feminina, como aquelas que são aptas para desempenhar o trabalho do cuidado. Ao que diz respeito a mulher negra, sua existência é se diferencia da mulher branca, uma vez que o eixo raça, potencializa as opressões sofridas por essas sujeitas, nos estudos do feminismo negro, o eixo articulador da pauta, será o racismo e os impactos diante das relações de gênero, diferente do feminismo eurocêntrico, onde o gênero, é o eixo articulador central (Carneiro, 2014). Por essa razão, as mulheres negras estarão mais vulneráveis diante dos processos de violação das suas vidas, como é no caso do trabalho: “Oral, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrida pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo) assim como sobre seu lugar na força de trabalho.” (Gonzalez, 2020, p. 48).



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Ao revisitarmos o período colonial, a presença da mulher negra, como “serviçal do lar” já era uma realidade, mulheres negras serem a maioria nestes serviços, é apenas um resquício do período de escravização na casa grande:

Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de mante, em todos os níveis, o bom andamento da casa grande: lavar, passar, cozinha, fiar, tecer, costurar e amamentação as crianças recém-nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas. E isso sem contar com as invertidas sexuais do senhor branco, que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se melhor para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quanto eram objeto do ciúme rancoroso da senhora. Após o trabalho pesado na casa grande, cabia-lhes também o cuidado dos próprios filhos, além da assistência aos companheiros chegados das plantações, engenhos etc., quase mortos de fome e de cansaço. (Gonzalez, 2020, p. 46)

Assim, compreendemos que a função de cuidadora, principalmente do que diz respeito ao trabalho doméstico, sempre foi uma realidade da mulher negra, da mesma forma, que o trabalho, sempre esteve presente em sua vida, ou seja, mulheres negras, sempre trabalharam, Conforme Sueli: “Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, as fundações como vendedoras, quituteiras, prostitutas...” (Carneiro, 2012, p. 01) Desde o Brasil colônia, observamos a dupla jornada de trabalho desempenhado por essas mulheres escravizadas, que ao realizarem as atividades da casa grande, cumpriam demandas para além dela, tornando suas jornadas mais intensas e sofridas.

Dessa forma, ao fazer um paralelo com as realidades dos dias de hoje, não seria uma surpresa, se os caminhos percorridos em sua vida, as acompanhassem até suas velhices, ou que, essas mesmas histórias de vida ainda sejam uma realidade em nossa sociedade. O que queremos dizer com isto, é que mulheres negras sempre proporcionaram o cuidado a outras pessoas, seja para aqueles que não possuem parentesco, ou para aqueles que possuem. São mulheres que em seus cotidianos, não dispuseram da “fragilidade” e “dependência”, pelo contrário possuem histórias que desafia os limites do tempo, ao qual já desempenhavam o papel de cuidadoras e asseguradoras de vida. Ao envelhecer, mulheres negras, continuam a ser agentes principais do cuidado. Essas realidades são expressas deste as situações mais simples, até as mais graves, tais como: o cuidado com os netos, da casa, e dos próprios filhos, serem chefes de família ou contribuição significativa na renda do lar, continuar a trabalhar por conta própria ou oferecer serviços para complementar a renda, ou seja, são mulheres, que continuam a se localizar como cuidadoras e provedoras e que possuem os índices elevados de desigualdade. Por outro lado, afirma Rabelo:



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

(...) as trajetórias, e o modo de vida desses grupos domésticos refletem as restrições econômicas e sociais sofridas no curso de vida, principalmente na velhice. Relações de afeto, conflito e poder, com todas as suas ambivalências e contradições, são moldadas nesse contexto por uma gama de estratégias individuais e coletivas. Isso indica que, mesmo em modelos cuja mulher idosa é central e acumula poder na hierarquia familiar, arranjos multigeracionais são formados pelas necessidades físicas, sociais, afetivas e materiais de seus membros, e muitas vezes isso custa caro ao idoso. (Rabelo, Et al, 2018, p. 204)

Por fim, ao nos propormos analisar o cuidado vivenciado por mulheres negras na velhice, buscamos refletir como a relação cuidado e cuidadora se estabelecem na vida destas mulheres, no mais, como essas relações vem sendo construídas e fortalecidas deste o período de colonização. Acerca destas colocações, compreendemos que mulheres negras desempenham atividades que asseguram e produzem o bem-estar social e familiar. Refletir sobre o trabalho de cuidado, seja ele remunerado ou não, traz à tona o movimento gerado por essas mulheres, e as mudanças significativas nas estruturas sociais que as cercam. Os estudos em torno do trabalho têm por objetivo ressaltar as formas que cada uma, ao seu modo, promove conversões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte ora explicitado de nossa pesquisa em andamento busca contribuir com os estudos interseccionais de classe, gênero, raça e geração, na medida em que se busca refletir acerca das concepções do cuidado no campo de estudos sobre envelhecimento e suas práticas/políticas experienciadas na cotidianidade de mulheres negras “idosas”. Em correlato, pretendemos enunciar as contribuições familiares e sociais que tais mulheres negras idosas exercem nas estruturas de nossa sociedade, configurando trajetórias de resistências e insurgências em suas práticas cotidianas. O estudo em tela também se apresenta como uma contribuição ao enfrentamento das desigualdades políticas e sócio raciais enfrentadas pelo povo negro, em especial a mulher negra.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**/ Adriana de Olivera Alcântara. - - Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. - - (coleção velhice e sociedade) 2ª edição.

BATTHYANY, Karina. **Miradas latinoamericanas a los cuidados** / Irma Arriagada Acuña... [et al.]; coordinación general de Karina Batthyany.- 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México DF: Siglo XXI, 2020. Libro digital, PDF - (Miradas Latinoamericanas) Archivo Digital: descarga ISBN 978-987-722-784-0 1. Análisis Sociológico. 2. Sociología. I. Arriagada Acuña, Irma. II. Batthyany, Karina, coord. CDD 301.098



# SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO  
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &  
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

BEZERRA, Leila M. Passos de S. **Pobreza e lugar(es) nas margens urbanas: lutas de classificação em territórios estigmatizados do Grande Bom Jardim**, 2015. 450 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de Uma Perspectiva de Gênero**. Acessar em: 11 <https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-damulhernegra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>

DEBERT, Guita Grin (Org.). **Antropologia e Velhice**. Campinas: Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Arenas de conflito em torno do cuidado**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. 2014

ESQUIVEL, Valeria. **La economía del cuidado en América Latina**. Panamá: PNUD, 2011

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

\_\_\_\_\_. **Lugar de negro**/ Lélia Gonzalez e Carlos Hasanbalg – Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982. (Coleção 2 Pontos; v.3)

HIRATA, Helena, 1946- **O cuidado : teorias e práticas** / Helena Hirata ; tradução Monica Stahel ; [prefácio: Evelyn Nakano Glenn; posfácio: Danièle Kergoart]. - 1. ed. - São Paulo : Bointempo, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022, População por idade e sexo, Pessoas de 60 anos ou mais de idade, Resultados do universo Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. Ciência e Cultura, v. 39, n.3 272 – 286, 1987.

RABELO, D. F., SILVA, J. da, ROCHA, N. M F. D., GOMES, H. V., & ARAÚJO, L. F. de. (2018). **Racismo e envelhecimento da população negra**. Revista Kairós-Gerontologia, 21(3), 193-215. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP